

## Editorial – Dossiê “As vertigens do sujeito no marxismo”

*Hyury Pinheiro*<sup>1</sup>

*Laura Luedy*<sup>2</sup>

Há palavras no grande léxico cotidiano da filosofia e das ciências humanas que, por sua persistência diante das várias críticas e modulações históricas, acabam por experimentar uma espécie de auto-fundamentação/legitimação. Um dos efeitos desse processo é a produção de uma auto-evidência capaz de paralisar a crítica. Quando a palavra fala por si só, ela dispensa o questionamento acerca de seu conteúdo, ou seja, de sua história e de suas manifestações contemporâneas. Assim, perde-se os meios de alcançar uma compreensão mais refinada e completa de seu sentido, afirmando, em vez disso, a monotonia de uma semântica parcial e presentista.

“Sujeito” é uma dessas palavras. Diante de sua frequente identificação com termos como “indivíduo”, “agente” ou “pessoa”, por exemplo, não basta simplesmente afirmar a não-identidade entre eles. É preciso, antes, demonstrar que cada qual carrega dentro de si todo um histórico de problemas que tentam descrever, de debates que visam resolver e de posições políticas que buscam afirmar ou negar. O presente dossiê é, assim, um exercício não exaustivo de aprofundamento nas camadas de sentido de uma palavra. Com os textos que seguem, esperamos contribuir para

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas (PPGS-IFCH, Unicamp). Email: hyure.pnh@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda pelo PPGS-IFCH, Unicamp. Email: lauraluedy@gmail.com

esboçar a trajetória que a noção de "sujeito" percorreu e percorre no contexto específico do marxismo. Vejamos, brevemente, algumas das posições que selecionamos para compor esse quadro.

A partir da análise de três textos de juventude de Karl Marx (1818-1883) (**Manuscritos econômico-Filosóficos, Sobre o suicídio e A Sagrada Família**), Theodore Prassinos reflete sobre as relações existentes entre um dos efeitos mais marcantes do capitalismo sobre o sujeito – o estranhamento – e a ideação suicida, ou suicidalidade. Além de apontar a evidente correlação positiva entre ambos os fenômenos, o autor defende que a tendência a reflexões e planejamentos suicidas pode ser entendida como uma atividade que cria formas pelas quais o sujeito **enfrenta a experiência de estar no mundo enquanto um ser estranhado**. Assim, dá-se ocasião a que o tema da subjetividade seja explorado tanto em sua dimensão estranhada e negada, quanto em sua dimensão afirmativa.

Em seguida, a tradução que Matheus Romanetto faz do debate travado por Herbert Marcuse (1898-1979) e Erich Fromm (1900-1980) entre os anos de 1955-6 na revista **Dissent** nos apresenta duas leituras contrastantes da subjetividade feitas à luz do marxismo em aliança com a psicanálise. De um lado, vemos Marcuse, num contexto em que a experiência do totalitarismo ainda era bastante próxima, frisar o peso da dimensão de coerção, repressão e renúncia daquilo que, na personalidade, é obra da **civilização acumulada**. De outro lado, assiste-se a Fromm defender, contra isso, o primado da **atividade** ou da **prática** na relação entre personalidade total, natureza, sociedade e história.

Diego Ramos Lanciote, por sua vez, se propõe a tarefa de responder, a partir de uma leitura marxista, o que é o sujeito. Para tanto, apresenta a ideia althusseriana de **processo sem sujeito nem fim(s)** a partir do desenvolvimento do conteúdo da visão de Louis Althusser (1918-1990) acerca da herança hegeliana de Marx. Por meio dessa leitura é formalizada a ideia fundamental de que o sujeito é produto da história, entendida como um processo cujo motor é a luta de classes e cujo resultado é o estabelecimento de formas de relação social de produção e reprodução da vida. Tal ideia engendra ressonâncias políticas que se fazem sentir na

contraposição de intelectuais como Edward Palmer Thompson (1924-1993), objeto do artigo de Breno Augusto de Oliveira Santos. A partir da posição thompsoniana, o sujeito é determinado pela sua **capacidade de agir em face da estrutura histórica** de dominação social. Essa capacidade se ancora, por sua vez, na **experiência política subjetiva da coletividade que se constitui a partir da luta de classes**. Assim, a experiência da luta de classes, bem como a tradição e a cultura que fundamentam a identidade desses agentes, são determinantes de uma subjetividade ativa que se opõe às estruturas e que, portanto, não pode ser completamente determinada por elas.

O artigo de Giovanna Marcelino, ao mostrar o diagnóstico que Fredric Jameson (1934-) faz da lógica cultural do capitalismo a partir dos anos 1980, nos oferece uma imagem bastante pessimista da subjetividade que emergiria num contexto de integração quase completa entre cultura e estrutura socioeconômica. O sujeito pós-moderno é, em Jameson, um sujeito tragicamente apartado de sua relação com a totalidade em que está posto – um sujeito **fragmentado, presentificado e particularista**. Já o texto de Émerson Pirola, no que explora as contribuições anti- e pós-humanistas para as formulações de Antonio Negri (1933-), nos dá a conhecer que esse autor sustenta uma posição bastante luminosa a respeito do sujeito na contemporaneidade, bem ao contrário de Jameson. Em seu conceito de multidão, Negri enxerga a descrição de um movimento efetivo de formação do **sujeito classista no pós-fordismo** e de **superação dos limites ontológicos funcionais à dominação** (distinção entre humano e natureza, entre humano e máquina etc.).

Fechamos o dossiê, por fim, com um par de textos que acenam em direções bastante distintas. O artigo do Prof. Dr. David Barkin e de Alejandra Sánchez Jiménez nos convida a pensar o potencial anti-capitalista das ações políticas e da organização socioeconômica que já são promovidas hoje por **comunidades campesinas e indígenas**. Sugere-se, assim, uma inflexão especial pouca vezes dada no contexto do marxismo à ideia de sujeito revolucionário. Numa outra chave, em entrevista concedida a nós

e a Mariana Toledo Borges, o Prof. Dr. Vladimir Safatle insiste que o caráter propriamente revolucionário do sujeito está na sua **implicação com radicalmente não-idêntico** e na **transformação reflexiva** que o acompanha. Tal dimensão de heteronomia – explorada já em Hegel e resgatada pela noção de proletariado em Marx – é atrelada à despossessão e ao desamparo radicais. É nesse tipo de comunidade negativa, e não numa comunidade afirmativa e substancial, que estaria, ao seu ver, a chave para alcançar a universalidade e a emancipação.

Essa seleção de textos certamente ajudará a leitora e o leitor a se iniciar na tarefa de destrinchar os sentidos específicos que a noção de sujeito guarda na tradição de pensamento formada em relação direta com a obra de Marx. Impossível percorrê-los sem notar que a noção de consciência serve, ali, geralmente como um regulador incerto da tensão entre interioridade e exterioridade – ou, então, que a ideia de classe formula a tensão entre singular, particular e universal que perpassa a luta de classes. Nota-se, ainda, que uma alternância entre dimensões de negatividade e afirmação marca a tônica do debate, e que nem sempre afirmação é, nesse contexto, sinônimo de emancipação, ou negatividade, de restrição. Talvez sejam essas as contribuições do marxismo na inflexão que dá ao tema. Convidamos, porém, todas e todos a descobrir outras modulações possíveis dessa trajetória, e desejamos-lhes uma boa leitura.